

Curadoria digital e ciência aberta: organização dos anais do ENPEH e Perspectivas (1988-2020)

Digital Curation and Open Science: Organization of the ENPEH and Perspectivas Proceedings (1988-2020)

Naicon de Souza Brinco*

RESUMO

O presente artigo discute a construção de um *corpus* unificado dos anais do Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História e do Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, entre 1988 e 2020. Articulamos a noção de artífice digital à nossa prática de pesquisa no ensino de História, compreendendo a curadoria de documentos dispersos, o tratamento com técnicas digitais (OCR, *scripts* em *Python*) e a validação manual de metadados. Defendemos a tecnologia como um meio na organização e salvaguarda documental. Como resultado, reunimos os textos de todas as edições (exceto *I ENPEH*, não localizada) e estruturamos os documentos em formatos navegáveis por evento, artigo individual e por grupos temáticos. Disponibilizamos o acervo em acesso aberto na plataforma *Zenodo* (com DOI) e discutimos uma leitura panorâmica dos eventos, abrindo questões e possibilidades para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Ensino de História; História Digital; Historiografia.

ABSTRACT

This article discusses the construction of a unified corpus of the proceedings from the Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História and the Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, covering the period from 1988 to 2020. We articulate the notion of the digital craftsman with our research practice in history education, encompassing the curation of dispersed documents, processing with digital techniques (OCR, Python scripts), and manual validation of metadata. We advocate for technology as a means of organizing and safeguarding documentary materials. As a result, we gathered texts from all editions (except the first ENPEH, which could not be located) and structured the documents in navigable formats by event, individual article, and thematic group. The archive is openly accessible on the Zenodo platform (with DOI), and we provide a panoramic reading of the events, opening questions and possibilities for future research.

Keywords: History Education; Digital History; Historiography.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil. brinco.naicon@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-9605-6177>>

O presente artigo nasce de uma necessidade de pesquisa: acessar os textos sobre aprendizagem em História nos anais do *Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História* (ENPEH) e do *Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História* (Perspectivas). Buscava compreender as discussões, identificar lacunas e posicionar minhas investigações no campo. No entanto, à medida que tentava reconstruir tal trajetória, as dificuldades de acesso e organização dos documentos se ampliavam: artigos dispersos, catalogados incorretamente, repetidos ou ausentes. Realizei contato com laboratórios de pesquisa, autores que haviam utilizado artigos dos anais em suas referências e universidades que hospedaram ou sediaram os eventos. No entanto, a experiência assemelhava-se a percorrer os labirintos hexagonais intermináveis do conto de Jorge Luis Borges, a “Biblioteca de Babel” (Borges, 1999).

A escolha dos anais desses dois encontros se justifica por sua relevância para o campo do ensino de História. Nessa documentação, encontrei a trajetória acadêmica de importantes pesquisadores, desde seus primeiros textos como discentes da pós-graduação na década de 1990 até a participação como organizadores e palestrantes ao final da década de 2010. O *ENPEH*, desde as primeiras edições na década de 1990, consolidou-se como um espaço relevante de debates epistemológicos, no qual é possível acompanhar o crescimento, consolidação e declínio de diferentes abordagens de pesquisa em âmbito nacional. O *Perspectivas*, iniciado em 1988, tem maior número de pesquisas em sala de aula, privilegiando a voz dos professores da educação básica, promovendo a reflexão teórica a partir das experiências docentes. Ambos os anais dos eventos, em uma perspectiva diacrônica, são atravessados pelos encontros e disputas de uma multiplicidade de vozes de gerações de pesquisadores.

Consideramos, em diálogo com Ricardo Pacheco e Helenice Rocha (2016), que tais encontros performam a constituição do ensino de História como campo acadêmico no Brasil. Em artigo publicado em 2016, ao discutir a pós-graduação em ensino de História, os autores indicam os anais do *ENPEH* e do *Perspectivas* como termômetros epistemológicos, nos quais é possível mapear os processos de institucionalização, a variação dos grupos de pesquisa cadastrados na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a diversidade metodológica e o diálogo interdisciplinar.

Na apresentação da obra *Cartografias da Pesquisa em Ensino de História*, Ana Maria Monteiro ressalta que a constituição deste campo encontra origem

nas faculdades de Educação, destacando o *ENPEH* como “referência para os pesquisadores desta área de pesquisa ao longo de sua trajetória” (Monteiro; Ralejo, 2019, p. 9). As autoras localizam o ensino de História como um lugar de fronteira entre a Educação e a História. No prefácio dessa mesma obra, Helenice Rocha considera que este campo vem se constituindo como uma espiral ascendente desde a década de 1980, destacando, como indicadores dessa consolidação ainda em processo, os eventos *Perspectivas* e o *ENPEH* (Rocha, 2019, p. 15).

Para Mauro Coelho e Taissa Bichara (Coelho; Bichara, 2019, p. 67, 72), o início das discussões sistemáticas sobre a História ensinada remonta à década de 1970, com foco em temas como currículo, saber escolar e formação de professores. Os autores compreendem o campo como um espaço de produção de conhecimento vinculado às instituições de ensino superior, cuja singularidade reside no compromisso direto com a educação básica ao buscar intervir nos contextos analisados.

Acerca das disputas que atravessam o campo e sua intervenção na educação básica, Sônia Miranda (2019, p. 86) analisou o processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de História. A autora indica que a versão final do documento não reconhece o ensino de História como um campo com epistemologia própria — enquanto um saber específico —, mantendo a concepção de História ensinada como um conjunto de conteúdos selecionados sobre o passado da humanidade. Para Miranda, esse enquadramento resulta em “um demérito de um campo particular sobre o qual grande parte das pesquisas das dimensões de ensino-aprendizagem da História tem se realizado” (2019, p. 89). Ao dialogar com a teoria dos campos de Pierre Bourdieu (1983; 2004), argumenta que quanto mais autônomo é um campo, maior sua capacidade de refração às pressões externas. A partir de tal premissa, considera que o caso das disputas em torno da BNCC e a versão aprovada² insere-se em um contexto de baixa autonomia do campo do ensino de História. Marcado por múltiplas vozes, reduzida capacidade de resistência, concorrência imperfeita e forte interferência de agentes não científicos (Miranda, 2019, p. 92-95).

A pesquisadora Carmem Gabriel (2019, p. 144-155), ao discutir as disputas no campo do ensino de História, defende o uso da preposição *em* — em vez de *sobre* — como forma de afirmar um posicionamento teórico. Com base na pers-

pectiva pós-fundacional, argumenta que o campo é atravessado por diferentes discursos — historiográficos, pedagógicos, filosóficos, militantes, entre outros. A constituição e as tentativas de definição demandam, nesse contexto, o rompimento com binarismos epistemológicos, como a oposição entre História e Pedagogia, ou entre teoria e prática. Essa perspectiva é compartilhada também por Flávia Caimi e Letícia Mistura (2019, p. 187), ao observarem que muitos pesquisadores, mesmo assumindo o ensino de História enquanto um campo, mobilizam diferentes áreas do saber sem necessariamente articulá-las, alternando entre referenciais oriundos da História ou da Educação por saltos descontinuados — e não pela construção de pontes e conexões.

Portanto, consideramos que, na constituição do campo e de sua identidade, o acesso aos livros de anais do *ENPEH* e do *Perspectivas* é potente ao abrir possibilidades de pesquisa, facilitar a navegação e permitir a recuperação de documentos antes dispersos. Além disso, oferece uma base robusta para análises diacrônicas das redes de colaboração no ensino de História. Nesse sentido, foi organizado nesta pesquisa um *corpus digital* unificado dos livros de anais, integrando as edições de 1988 a 2020 em uma estrutura composta por pastas temáticas, artigos individuais e volumes completos, com metadados validados manualmente. O material está disponível em acesso aberto na plataforma *Zenodo* (Brinco, 2025), com DOI, um endereço digital permanente.

As dificuldades de acessar e se movimentar por esses registros, somadas à fragmentação dos arquivos e à presença de partes de trabalhos ilegíveis, tornou-se um dos motivadores para a organização desses documentos. A presente pesquisa, portanto, emerge tanto de uma necessidade individual quanto de uma demanda coletiva de um campo em processo de consolidação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Minhas mãos, apressadamente, escolhem e apertam as teclas que formam as palavras deste texto. Meus olhos, voltados para o monitor, identificam erros e acompanham o cursor apagando letras que vão preenchendo a página em branco. As ideias aqui registradas são resultado de uma ampla investigação prévia e de improvisações rotineiras no movimento de refinar o texto idealizado — que, ao ser transposto para a linguagem escrita e direcionado a um auditório diverso, exige reescritas constantes. Não há separação

entre o que ocorre em minhas ideias, os movimentos das mãos, dos olhos e a leve azia que acompanha a caneca de café.

Os objetos que mediam a escrita, como o computador, podem contribuir para a precisão e fluência ao manter condições técnicas estáveis no espaço digital — em contraste com os textos que escrevi enquanto estudante de mestrado, nos quais os programas frequentemente travavam, interrompendo o fluxo de ideias e transformando em um mistério quais trechos revisados haviam sido salvos.

Esta atividade de escrita é um processo no qual consciência, corpo e linguagem se entrelaçam com as condições materiais e históricas. A teoria da atividade proposta por Alexei Leontiev (Leontiev, 2021; Medeiros, 2021) compreende que a consciência emerge da atividade — seja ao digitar, apagar ou resgatar textos dispersos. A linguagem é parte constitutiva dessa atividade, materializando escolhas e ajustes contínuos. Assim como minhas mãos e olhos negociam erros e revisões na tela, a curadoria digital realizada nesta pesquisa articula gestos técnicos e decisões teóricas na produção de um *corpus* a partir de documentos dispersos — em diálogo com os referenciais legitimados do campo do ensino de História.

A curadoria digital que realizamos pode ser compreendida como uma prática artesanal, cuja metodologia de pesquisa está ancorada na articulação teórica das contribuições de Richard Sennett (2009), do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1997, 2006), de Michel de Certeau (1982, 2014) e de Anita Lucchesi (2014, 2022; Lucchesi; Oliveira, 2024).

O termo digital, a partir da década de 1990, passou a ser associado a espaços mediados por sistemas computacionais, nos quais as informações são processadas em linguagem binária (0 e 1). Para Tony Feldman (1997), tal estrutura técnica — agrupamentos de 0 e 1, conhecidos como *bits* e *bytes* — permite representar dados textuais, visuais e sonoros, possibilitando sua manipulação, armazenamento e compartilhamento entre diversos dispositivos. No entanto, a produção de conhecimento nesse espaço envolve a autoria humana. Nessa perspectiva, ferramentas computacionais, como linguagens de programação e bibliotecas de processamento de texto, ampliam as possibilidades de análise, mas permanecem ancoradas nas intenções, problemas, seleções, validações e reflexões realizadas pelos pesquisadores.

Nesse sentido, compreendemos a curadoria digital como uma prática ar-

tesanal que envolve decisões metodológicas, teóricas e epistemológicas na digitalização, estruturação de arquivos e validação de metadados. Em diálogo com Edméa Santos (2019), entendemos o digital como espaço cultural em que há disputas, autoria, produção e compartilhamento de conhecimento. A organização do *corpus* documental assume, assim, um posicionamento: uma forma de produção de sentido na qual o artífice permanece atento à sua mesa de trabalho, composta por vozes, discursos, gestos e intencionalidades.

O artífice é, para Sennett (2009), aquele que dialoga com os materiais, instrumentos e saberes, articulando práticas e ideias ao recusar a separação entre pensamento e corporalidade, entre teoria e prática. Nessa perspectiva, a imaginação, o conhecimento e a técnica são indissociáveis. Ao discutir os artífices do espaço digital, o autor considera os usuários do *software* de código aberto *Linux* como artífices contemporâneos, cujo trabalho coletivo na escrita e aprimoramento de códigos configura um tipo de artesanato público (2009, p. 31-42). Uma das questões que atravessam essa comunidade — e que de certa maneira encontrei nos anais do *ENPEH* e do *Perspectivas* — é a seguinte: “como promover a coexistência da qualidade do conhecimento com as trocas livres e igualitárias numa comunidade” (2009, p. 36).

Nesse sentido, consideramos que esse movimento constitui uma operação de produção de fontes, com a potência de que outros pesquisadores se apropriem delas em suas investigações. A forma como organizamos e tratamos os anais pode afetar os olhares, os percursos e as maneiras de pesquisar e navegar pelos artigos dessa documentação. Michel de Certeau (1982) propõe que o trabalho do historiador inclua a constituição de seus próprios objetos de pesquisa, em uma operação que reorganiza espaços e significados. Tal operação envolve “gestos de separar e reunir [...] consiste em produzir, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto [...] longe de aceitar dados, ela os constitui” (Certeau, 1982, p. 81).

O autor defende, ainda, que o aparelho que media a constituição das fontes é condição, meio e resultado de um deslocamento (Certeau, 1982, p. 83). Nessa operação, a intervenção do computador não é determinante, pois refluí para o “tempo reparatório de programação, que torna necessária a passagem pelo aparelho, e é lançada para outra extremidade, para o tempo de explora-

ção que os resultados obtidos expõem” (p. 84). Os interditos e as permissões se articulam com a operação técnica, mas não se resumem a ela.

Nessa perspectiva, o trabalho teórico ocorre também por meio da construção de modelos e da atribuição de significados às “combinações informáticas” (Certeau, 1982, p. 85). Nossa operação de pesquisa, situada no campo do ensino de História, aproxima-se dos deslocamentos metodológicos que Certeau atribui à historiografia. Em sua formulação, tais deslocamentos invertem os procedimentos da pesquisa tradicional, que partia de forma indutiva do vestígio à construção da narrativa unificadora e coerente com os relatos disponíveis no momento da escrita. Em contraste, em diálogo com Certeau (1982), nos voltamos à experimentação crítica, aos desvios e aos limites de significabilidade — tanto nos modelos próprios quanto nos oriundos de outras ciências — assumindo o particular como limite do pensável e o lugar como figura ambivalente entre o passado e o futuro:

O importante não é a combinação de séries, obtida graças a um isolamento prévio de traços significantes, de acordo com modelos pré-concebidos, mas, por um lado, a relação entre estes modelos e os limites que seu emprego sistemático faz aparecer e, por outro lado, a capacidade de transformar estes limites em problemas tecnicamente tratáveis. Estes dois aspectos são, aliás, coordenados, pois se a diferença é manifestada graças à extensão rigorosa dos modelos construídos, ela é significativa graças à relação que mantém com eles a título de desvio – e é assim que leva a um retorno aos modelos para corrigi-los. Poder-se-ia dizer que a formalização da pesquisa tem, precisamente, por objetivo produzir ‘erros’ – insuficiências, falhas – cientificamente utilizáveis (Certeau, 1982, p. 86).

Nesse ínterim, as discussões do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1997; 2006), que compreendem a linguagem como prática social e ideológica, nos oferecem uma chave de leitura para as escolhas realizadas na construção desse *corpus*. Para o Círculo, todo signo é ideológico, e a linguagem é um espaço de disputa pelos significados. Cada metadado atribuído, agrupamento temático e nomeação constitui uma tomada de posição no campo — que dialoga, também, com os discursos sociais que circulam dentro e fora da universidade.

Este artigo se configura como um espaço de enunciação, no qual os documentos são organizados e discutidos a partir dos discursos construídos no interior do campo do ensino de História. A tensão entre qualidade do conhe-

cimento e colaboração não hierarquizada, indicada por Sennett (2009), é aqui compreendida não apenas como uma questão operacional. As escolhas envolvidas no uso das técnicas — e na leitura por meio delas e sobre elas — são decisões políticas: dizem respeito aos saberes a serem preservados, as possibilidades de guarda viáveis e às formas de compartilhamento do conhecimento. Consideramos que direcionar o olhar para os anais de ambos os eventos é adentrar uma arena de disputas realizada por meio da linguagem — e, no campo do ensino de História, de modo privilegiado, pela linguagem escrita.

Rosa Machado e Carlos Faraco (2007), em diálogo com os estudos do Círculo de Bakhtin, consideram que a palavra está sempre imersa na interação, situada em um espaço-tempo determinado e carregada de marcas sociais, ideológicas, históricas e de disputas. Para os autores, o caráter dialógico da linguagem manifesta-se mesmo em situações assimétricas entre sujeitos — coletivos ou individuais — que ocupam posições distintas de poder. Trata-se de uma dinâmica que Certeau (2014) descreveria como a oposição entre estratégias dos mais fortes e táticas dos mais fracos, no âmbito dos fazeres cotidianos.

Portanto, o movimento enunciativo é atravessado por trocas, respostas e refrações — mesmo que indiretas — tensionando suas formas e seus conteúdos. Nesse sentido, consideramos que a dialogicidade é constitutiva da linguagem, realizada no interior de condições materiais de comunicação e das disputas que a atravessam.

Na perspectiva da linguagem do Círculo de Bakhtin, ao organizarmos esse *corpus documental*, realizamos um movimento de escuta de múltiplas vozes e de posicionamento discursivo. Ao reunir, classificar e disponibilizar os documentos com base nas escolhas metodológicas desenvolvidas ao longo do percurso, realizamos uma nova enunciação.

Ainda que tenhamos mantido, dentro do possível, as nomeações originais das pastas — de acordo com a forma como foram anunciadas nos anais —, a maneira como os arquivos foram reunidos, organizados e publicados configura um novo enunciado. Os documentos, portanto, mudam de estatuto: deixam de ser fragmentos dispersos e passam a constituir um *corpus* que pode ser explorado e mobilizado em investigações de forma quase integral. Cada metadado atribuído, agrupamento temático ou nomeação repre-

senta um posicionamento no campo, em diálogo com os discursos que circulam na esfera acadêmica.

Trata-se de uma operação que Certeau (1982, p. 85-97) compreende como uma virada metodológica na produção de fontes, ao considerar que o lugar que a História “destina ao passado é igualmente um modo de dar um lugar ao futuro” (p. 93). Nesse sentido, consideramos os anais organizados em um novo *corpus* como passíveis de reapropriações, novas compreensões e pesquisas — que poderão explorar suas lacunas, sobreposições e ausências, reinscrevendo sentidos de forma contingencial e provisória.

Em seu relato sobre uma plataforma digital participativa voltada para narrativas migratórias, Anita Lucchesi (2022) discute como decisões que podem parecer apenas técnicas são atravessadas por disputas, colaborações e posicionamentos. A autora defende uma *hermenêutica da prática* para a história pública digital, como chave de inteligibilidade das experimentações metodológicas que envolvem o digital em pesquisas históricas — a partir de exercícios de autorreflexão sobre as escolhas conceituais, técnicas e éticas no desenvolvimento de projetos em história digital.

Aproximamos tais discussões de Lucchesi (2022) à prática discutida neste artigo, em que os desafios que encontramos — como lacunas, formatos diversos, falhas de OCR e incoerências nos metadados — necessitaram de soluções que articularam habilidades computacionais e decisões conceituais ancoradas no campo do ensino de História.

Há cerca de uma década, Lucchesi (2014) indicava a necessidade de reflexões amplas sobre as implicações epistemológicas das transformações entre a cultura alfabética e a digital, sugerindo que as alterações nas formas de leitura e escrita afetariam diretamente as operações historiográficas. Segundo a autora, o ciberespaço tende a consolidar-se como um novo suporte de memória, no qual novas formas de legibilidade podem emergir.

Nesse sentido, este trabalho, ao organizar e disponibilizar os anais de maneira aberta e navegável, insere-se em tal desafio: operamos com uma proposta metodológica que reconhece a historicidade da técnica como não neutra — pensando o negativo, o que não é, como abertura para as possibilidades do vir a ser. Consideramos esse movimento como parte da constituição dos sentidos de passado e da projeção de um lugar para o futuro. O *corpus documental* pode ser operado como um espaço sobre o qual os sentidos continuam a ser pro-

duzidos e novas organizações podem ser realizadas para responder, interrogar e tensionar os discursos que estruturam o campo.

Enquanto mobilizamos, nos textos anteriores de Lucchesi (2014, 2022) as noções de uma virada digital e a *hermenêutica da prática*, é em seu artigo mais recente, escrito junto com a pesquisadora Mônica Oliveira (Lucchesi; Oliveira, 2024), que dialogamos com a ideia de *experimento em aberto*. Ao narrarmos e publicizarmos, neste texto, a metodologia e os processos decisórios, compreendemos nosso trabalho como um projeto em movimento, no qual os *scripts*, metadados, falhas e códigos de erro fazem parte da construção de nossa narrativa. No qual as diversas tecnologias mobilizadas, sejam as milenares ou do século XXI, são desnaturalizadas e problematizadas como parte do processo artesanal. Trata-se de uma atividade artífice que não hierarquiza técnica e intelectualidade, corpo e mente. E, junto a Walter Benjamin, questionamos: “Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...] A quem serviu essa técnica?” (2017, p. 1695).

Nesse sentido, consideramos que a *hermenêutica da prática* pode ser entendida e mobilizada como uma forma de compreensão que emerge da ação situada, na qual o fazer está relacionado ao compreender e à produção de sentido. Na perspectiva hermenêutica de Ricoeur (2010a; 2010b), tal abordagem pressupõe que a ação é constitutiva da narrativa — forma pela qual compreendemos e damos sentido ao mundo.

Direcionar o olhar para a prática, para a técnica e para os movimentos de pesquisa, a fim de os narrar, é uma oportunidade de refiguração da experiência por meio da narrativa do produzir, de um trabalho que intenciona ter sido bem-feito. Essa dimensão é abordada por Sennett (2009) como uma relação entre pensamento, gesto e matéria, na qual a prática se torna um espaço de elaboração crítica. Nesse sentido, em diálogo com as discussões de Lucchesi (2014; 2022; Lucchesi; Oliveira, 2024), buscamos tornar visíveis as condições de produção e convidamos outros pesquisadores a intervir, corrigir, reorganizar e expandir o arquivo.

Em diálogo com esses referenciais teóricos, apresentamos a seguir a metodologia do trabalho. Os procedimentos, as escolhas, as estratégias e o caminho percorrido. Que entendemos como gestos de curadoria situados no tempo e elaborados com intencionalidade e reflexão.

METODOLOGIA

Em nossa metodologia, articulamos procedimentos técnicos computacionais de busca e organização documental com nossos referenciais do ensino de História. Trata-se de um trabalho investigativo artesanal, no qual o tratamento dos anais do *ENPEH* e do *Perspectivas* integra-se às leituras do campo e à produção de um espaço de memória e de pesquisa.

No decorrer do processo, operamos com a premissa de que os gestos de organização, classificação, nomeação e manipulação dos arquivos e de seus metadados constituem uma tomada de posição enunciativa. Nesse sentido, compreendemos as tecnologias como parte da construção de significados, em seu caráter histórico e contingente.

Inicialmente, acessamos o repositório digital disponibilizado pela Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH),³ no qual estão hospedadas diversas edições dos anais do *ENPEH* e do *Perspectivas*. Realizamos o download de todos os arquivos disponíveis, conferindo os dados de cada edição: título do evento, data, local, ficha catalográfica, programação, títulos dos artigos e dos resumos, nomes dos autores e links de acesso.

Quando necessário, realizamos consultas complementares aos *Currículos Lattes* dos autores e aos seus perfis em redes acadêmicas, como *Academia.edu*⁴ e *ResearchGate*.⁵ Para recuperar artigos ausentes — mas listados na programação ou mencionados em resumos e currículos — utilizamos a ferramenta *Wayback Machine*,⁶ a fim de localizar versões arquivadas dos sites dos eventos e recuperar documentos.

Os arquivos foram organizados localmente em um computador pessoal, estruturados em pastas nomeadas por eventos. No interior da pasta de cada encontro, foi criada uma subpasta por edição, contendo os anais completos e subdivisões conforme a organização apresentada nos próprios anais — como Grupos de Trabalho (GT), Grupo de Reflexão Docente (GRD), Minicursos, Mesas-Redondas, entre outros.

Em cada uma dessas subpastas, novas divisões foram criadas quando necessário, a fim de que os textos fossem arquivados individualmente por autor, além de um arquivo adicional unificando os artigos de cada GT.

Nos casos em que os anais estavam disponíveis apenas em arquivos únicos, utilizamos as ferramentas *PDF24 Tools* e *Otimizador PDF* para extrair os

artigos e organizá-los individualmente. Quando os arquivos já se encontravam separados, utilizamos os mesmos programas para gerar versões unificadas por agrupamento e uma versão geral do evento. Os formatos encontrados eram diversos, incluindo PDFs, arquivos oriundos de CDs distribuídos entre as décadas entre 1990 e 2010 — muitos dos quais organizados com executáveis *autorun.inf* e migrados para pastas do *Google Drive* —, entre outros.

Para consolidar e permitir a navegação pelo acervo, realizamos uma série de intervenções com o uso de ferramentas de *Reconhecimento Óptico de Caracteres* (OCR), tornando os textos pesquisáveis e editáveis. Utilizamos três recursos: *PDF24 Tools*, *Otimizador PDF* e *scripts* desenvolvidos no ambiente *Jupyter Notebook*, utilizando a linguagem *Python 3*.

O *Jupyter Notebook* é um ambiente computacional interativo que permite combinar código executável, visualização de dados e anotações em um mesmo documento. As linhas de código foram desenvolvidas de forma artesanal, com base nas demandas da pesquisa e na integração de bibliotecas especializadas em leitura, extração e organização de textos.

No processamento dos documentos no *Jupyter Notebook*, operamos com um conjunto de ferramentas especializadas, validadas em estudos recentes (Aula, 2021).⁷ Utilizamos a biblioteca *PyPDF2* (Fenniak et al., 2023), desenvolvida em *Python* para a manipulação de arquivos PDF, realizando extrações de texto e fusões de arquivos durante a etapa de organização, sempre seguidas de conferência manual de cada documento.

A conversão de páginas em formato de imagem foi realizada com o uso da biblioteca *pdf2image* (Belhoste, 2022), que opera com o motor *Poppler* (Høgsberg; Cid, 2023), um sistema de renderização responsável por transformar arquivos PDF em imagens de alta qualidade, mais adequadas à leitura por ferramentas de reconhecimento óptico.

Para o OCR, utilizamos o *pytesseract* (Hoffstaetter, 2023), uma interface *Python* para o sistema *Tesseract OCR* (Smith, 2007). Os ajustes de brilho, contraste, nitidez e qualidade geral das imagens eram, inicialmente, feitos página por página em editores de texto como o *Word*. Posteriormente, passamos a utilizar a biblioteca *Pillow* (Clark, 2025; Murray et al., 2023), por sua integração nativa com o *Jupyter Notebook*. Para fazer essas escolhas, dialogamos com as análises comparativas de Miah et al. (2022), voltadas para fluxos de trabalho em materiais científicos.

Ainda no ambiente *Jupyter Notebook*, utilizando a linguagem *Python 3*, empregamos bibliotecas específicas de análise textual. Na manipulação dos arquivos e extração de texto, continuamos operando com a biblioteca *PyPDF2* (Fenniak et al., 2023), que avaliamos como adequada às nossas demandas, por sua boa capacidade de leitura e divisão de documentos.

No refinamento de buscas textuais e na identificação de padrões com expressões regulares, utilizamos a biblioteca *re*, nativa do *Python*⁸ (Barbosa et al., 2017). Com ela, foi possível produzir dados previamente preparados e reconhecer a ocorrência de determinadas palavras em grandes volumes de texto.

Para gerar uma barra de progresso visual no decorrer dos processos iterativos de análise e manipulação dos textos (isto é, enquanto o código estava em execução), utilizamos a biblioteca *tqdm* (Costa-Luis, 2019). Essa ferramenta nos permitiu acompanhar as operações em tempo real, monitorar o tempo estimado de conclusão e detectar eventuais falhas no processamento dos arquivos.

Em casos de anomalias, como travamento ou lentidão incomum, foi possível interromper o processamento, revisar a organização dos documentos e corrigir os erros antes de retomar o fluxo de trabalho. Consideramos esse recurso relevante para assegurar a confiabilidade, a continuidade e o rigor, especialmente diante de variáveis externas, como oscilações na conexão com a internet ou inconsistências nos próprios arquivos.

Na etapa de preparação dos textos para análise do conteúdo, operamos com a biblioteca *Natural Language Toolkit (nltk)*, referência consolidada em Processamento de Linguagem Natural (PLN) (Bird; Klein; Loper, 2009). Realizamos a *tokenização* — ou seja, a separação do texto em palavras (*tokens*) e sentenças —, bem como a análise de frequência de termos em português e espanhol, devido à diversidade linguística presente nos anais.

Por fim, para visualização dos dados produzidos, utilizamos a biblioteca *Matplotlib*, reconhecida por sua robustez na geração de gráficos. Com ela, produzimos representações visuais quantitativas da frequência de palavras de interesse — como aprendizagem e ensino — de forma diacrônica. Neste artigo, não apresentamos resultados analíticos oriundos dos procedimentos de frequência de palavras de interesse descritos — análise que foi objeto de outro estudo, voltado à investigação dos sentidos de aprendizagem no campo do ensino de História (Brinco, 2024). Visto que o foco do presente texto é o proces-

so de construção do *corpus documental*, no qual cada etapa foi relevante para a verificação múltipla da organização dos anais.

Seguimos, para isso, a premissa metodológica de que a técnica não é neutra, e sua forma de uso constitui uma escolha epistemológica que afeta tanto o *como* quanto o *que* pode ser lido, investigado e narrado. Como propõe Lucchesi e Oliveira (2024) e Sennett (2009), ao fazermos uso de diferentes técnicas, buscamos articular ação, linguagem e reflexão — não como instâncias separadas, mas como dimensões intrinsecamente relacionadas. Cada etapa da organização foi concebida considerando que o ensino de História é um campo em consolidação e em disputa.

Nesse sentido, nosso método constitui também um posicionamento epistemológico. Como defendemos em textos anteriores, ao discutir o uso de recursos computacionais na investigação no ensino de História (Brinco, 2021; 2023; 2024; Brinco; Cabral, 2020; 2023), compreendemos que tais ferramentas não são capazes de realizar análises conceituais, teóricas e epistemológicas — dimensões constitutivas do trabalho nas humanidades. No entanto, para que tais análises se realizem de forma reflexiva, é necessário dispor de uma documentação robusta e acessível.

A ausência dessa base documental pode resultar em fragilidades analíticas, como observamos em referências equivocadas em teses e artigos acadêmicos, nos quais documentos estavam ausentes em análises de cunho diacrônico, sem qualquer menção a essa lacuna, ou apresentavam metadados incorretos. Por isso, o princípio de acesso aberto integra nossa metodologia: ao tornar a organização documental pública, contribuímos para que eventuais inconsistências sejam identificadas e corrigidas coletivamente.

Como documentação suplementar, incorporamos a este artigo um gráfico de bolhas com todos os GTs e GRDs presentes nos anais de ambos os encontros, entre 1988 e 2020. Nessa visualização, o tamanho das bolhas corresponde ao número de trabalhos publicados em cada GT ou GRD. Para isso, construímos, no programa *Excel*, uma tabela com as seguintes colunas: “anais/ano/GT-GRD/número_de_artigos”. Os dados foram digitados manualmente e, sempre que necessário, realizamos a normalização de forma e conteúdo: padronizamos a flexão de número, a ordem das palavras e a nomenclatura de temas semelhantes, sem alterar o posicionamento teórico dos títulos.

Por exemplo, “Currículos e ensino de História” e “Currículo e ensino de

História” foram padronizados como “Currículos e ensino de História”; títulos como “Ensino de História nos anos iniciais” e “Ensino de História nas séries iniciais” foram unificados sob a forma “Ensino de História na 1ª fase do ensino fundamental”. No entanto, evitamos modificações em expressões cuja variação implicasse um posicionamento epistemológico específico, como no caso de “Aprendizagem de História”, “Aprendizagem em História”, “Aprendizagem da História” ou “Aprendizagem Histórica”.

Após concluída a tabela, utilizamos o *software R Studio*, versão 4.3.1 (R Core Team, 2023), com o pacote *ggplot2* (Wickham, 2011), para gerar o gráfico de bolhas apresentado como anexo suplementar deste artigo.

Por fim, os documentos foram disponibilizados em acesso aberto na plataforma *Zenodo* (Brinco, 2025). Estruturados para facilitar a navegação por evento, ano e temática — considerando os GTs e GRDs, com artigos tanto individualizados quanto unificados. Devido ao grande volume de arquivos, nem todos aparecem diretamente na interface de visualização da plataforma. No entanto, é possível realizar o download completo da pasta compactada (com extensão *.zip* no link <https://zenodo.org/records/15271602>; com extensão *.7zip* no link <https://zenodo.org/records/15272228>), com cerca de 5 GB, contendo a totalidade dos anais organizados.

Incluímos também no *Zenodo* um link complementar que direciona para uma cópia do acervo em pastas públicas no *OneDrive*, com a mesma estrutura de organização. Contudo, ressaltamos que esse link — ao contrário do *Zenodo*, que é gratuito e conta com link fixo (DOI) — não é permanente, pois depende da renovação de uma assinatura pessoal no *Microsoft 365*, em um projeto que não contou com financiamento. Essa condição reafirma que a prática de produção de conhecimento é atravessada por limitações materiais e decisões técnicas e éticas sobre o que e como tornar público. Concordamos, assim, com a importância dos repositórios de Dados Abertos e com a sua promoção como prática de ciência aberta (Cardoso et al., 2021), conforme argumentam Alejandro Caballero-Rivero, Nancy Sánchez-Tarragó e Raimundo dos Santos (2019, p. 87-88):

No contexto dos Dados Abertos, identificam-se várias práticas de Ciência Aberta. As abordagens mais tradicionais são a publicação dos dados como parte integrante dos artigos publicados, bem como sua publicação como arquivos suplementares. Desde 2009, a maioria dos periódicos aceita esse tipo de arquivo (Reilly et al., 2011). Os artigos devem ser de Acesso Aberto e fornecer os

conjuntos completos de dados em formato que garanta seu reuso. Deve-se considerar que, quando os dados são publicados como parte integral dos artigos, às vezes são listados como anexo, às vezes no texto, e nem sempre com informação para sua reutilização. Adicionalmente, há revistas que implementam restrições relativas ao número total de arquivos suplementares.

Uma abordagem relativamente recente é a publicação dos dados em data papers, ou seja, artigos que descrevem um ou vários conjuntos de dados acessíveis online; são publicados em periódicos conhecidos como data journals, cuja finalidade é descrever os dados de uma pesquisa, não a própria pesquisa (Chavan; Penev, 2011). É considerada uma prática de Ciência Aberta, pois, embora os data journals possam adotar modelos híbridos, via de regra exigem o depósito dos conjuntos de dados em repositórios de Dados Abertos. Em 2015 existiam 116 data journals de 15 editoras, majoritariamente nas áreas de Ciências da Saúde, da Vida e Física, publicando tanto data papers quanto artigos tradicionais (Candela et al., 2015). O depósito dos dados em repositórios de Dados Abertos também tem sido uma prática promovida por agências de fomento, formuladores de políticas, instituições de pesquisa e periódicos. Geralmente, o depósito é feito em repositórios de dados “qualificados”, reconhecidos internacional ou institucionalmente, que garantem a disponibilidade a longo prazo e o acesso permanente aos conjuntos de dados. Exemplos desses repositórios são GenBank, Dryad, Figshare e Zenodo.

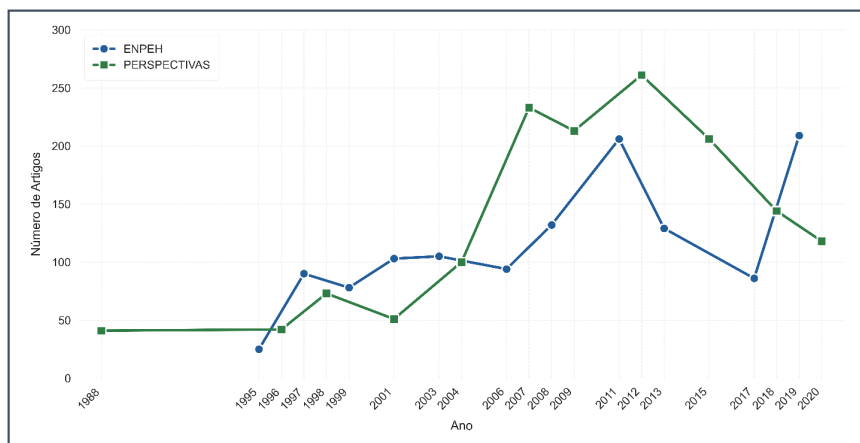
Portanto, o processamento, organização e disponibilização dos documentos foram realizados por meio da combinação de práticas artesanais e recursos computacionais. No ambiente *Jupyter Notebook*, disponibilizado pela distribuição *Anaconda*,⁹ com a linguagem *Python 3* (Python Software Foundation, 2025), operamos com as bibliotecas *PyPDF2*, para manipulação e extração de textos em arquivos PDF (Fenniak et al. 2023); *re*, para buscas e refinamento de padrões textuais (Barbosa et al., 2017); *pdf2image*, para conversão de páginas em imagens (Belhoste, 2022); *Poppler*, para renderização de alta qualidade (Høgsberg; Cid, 2023); *pytesseract* (Hoffstaetter, 2023), que utiliza o sistema *Tesseract OCR* (Smith, 2007), para o reconhecimento óptico de caracteres; *nltk*, para tokenização e análise de frequência de termos em português e espanhol (Bird; Klein; Loper, 2009); *tqdm*, para monitoramento do progresso das operações (Costa-Luis, 2019); e *Matplotlib*, para geração de visualizações gráficas (Hunter, 2007). Fora do ambiente *Jupyter Notebook*, utilizamos, com a colaboração da pesquisadora Natália de Sá da Cruz (PPGen/UFRJ), o *R Studio 4.3.1* (R

Core Team, 2023), com o pacote *ggplot2* (Wickham, 2011). Todas as etapas foram realizadas a partir da concepção de que a técnica é parte das escolhas epistemológicas, orientada pela busca da produção de documentação aberta, acessível e metodologicamente consistente e verificável.

DISCUSSÃO

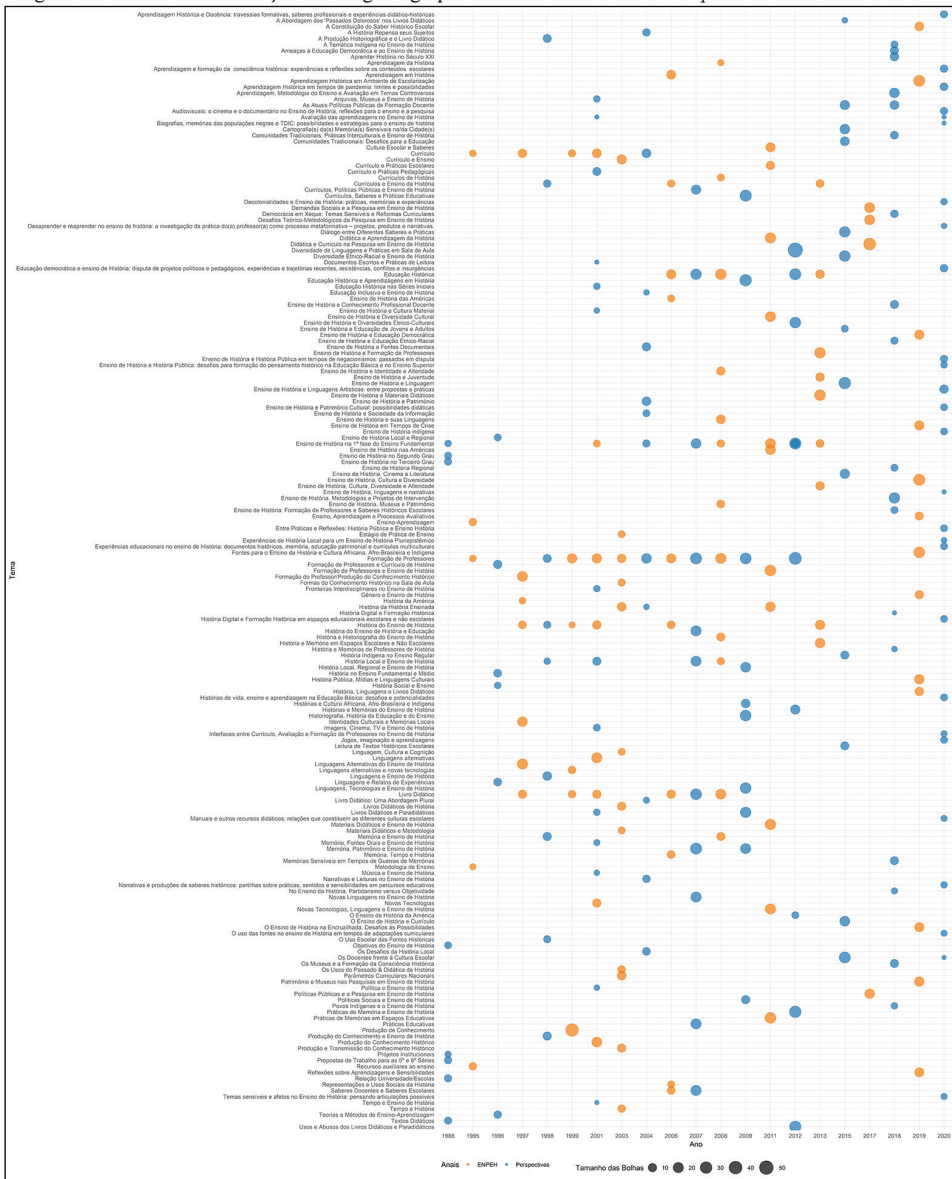
A partir da construção do *corpus documental*, analisamos alguns movimentos significativos no campo do ensino de História entre 1988 e 2020. Compreendemos¹⁰ que houve não apenas uma ampliação quantitativa dos trabalhos publicados (Figura 1), mas também um processo de amadurecimento teórico e metodológico ao longo das edições. Essa trajetória refrata-se em textos atravessados por distintas conjunturas sociais, políticas e acadêmicas.¹¹ Entre os temas recorrentes destacamos a relação dialógica entre a reflexão teórica e as demandas da prática docente. Nas quais a experiência dos professores da educação básica é problematizada por meio da teorização das práticas escolares e da elaboração de metodologias pautadas por discussões conceituais e epistemológicas.

Figura 1 – Número de trabalhos publicados nos anais do ENPEH e do Perspectivas entre 1988 e 2020



Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos anais do ENPEH e Perspectivas (1988-2020).

Figura S1: Gráfico da distribuição dos artigos e grupos temáticos no *ENPEH* e *Perspectivas* entre 1988 e 2020



O gráfico apresenta, no eixo vertical, os nomes dos grupos temáticos; no eixo horizontal, os anos de realização dos eventos. Conforme a legenda visual, as bolhas laranja representam os anais do *ENPEH*, as azuis, do *Perspectivas*, e o tamanho das bolhas indica a quantidade de artigos publicados. Fonte: Elaborado por Natália de Sá da Cruz (PPGen/UFRJ), com base em *script* em R, desenvolvido especialmente para este trabalho.

A imagem está em alta definição, recomenda-se ampliar, aplicar zoom, para melhor visualização dos detalhes.

Como pode ser analisado na Figura 1 e na Figura S1 (na página anterior), entre 1988 e 2020 houve um crescimento expressivo tanto no número de artigos publicados quanto na diversidade temática nos GTs e nos GRDs, com um pico entre 2012 e 2015, seguido de oscilações. Consideramos que ambos os eventos dialogam com demandas sociais, conforme indicado pelo aumento de trabalhos sobre temáticas étnico-raciais após 2003 — ano da promulgação da Lei n. 10.639/2003 —, pela ampliação dos debates sobre currículo após 2015, período em que ocorriam as discussões em torno da BNCC de História (Cabral, 2018). E pela presença crescente de termos como política, história pública, desafios e enfrentamentos, em um contexto de negacionismo e ataques ao conhecimento histórico, intensificados por movimentos que atuavam em redes sociais na internet e em parlamentos regionais e no nacional (Barzotto; Seffner, 2020; Brinco, 2023).

Os eixos temáticos da década de 1990 concentram-se, sobretudo, nas discussões sobre formação de professores, currículo e livro didático. Do ponto de vista diacrônico, nota-se um crescimento significativo na diversidade temática dos GTs e GRDs: entre 1995 e 2020, o número de eixos temáticos nos anais do *ENPEH* passou de 5 para 13, e no *Perspectivas* de 8 (1988) para 27 (2020), conforme apresentado na Tabela 1.¹² Esses dados sinalizam um processo de ampliação e especialização das agendas de pesquisa no campo do ensino de História.

Tabela 1 – Número de grupos temáticos e artigos por edição nos eventos ENPEH e Perspectivas

ENPEH			PERSPECTIVAS		
Ano	GT/GRD	ARTIGOS	ANO	GT/GRD	ARTIGOS
1995	5	25	1988	8	41
1997	7	90	1996	6	42
1999	6	78	1998	9	73
2001	8	103	2001	15	51
2003	12	105	2004	12	91
2006	10	94	2007	11	233
2008	12	132	2009	10	213
2011	11	206	2012	10	261

continua

continuação

2013	9	129	2015	13	206
2017	4	86	2018	18	144
2019	13	209	2020	27	118
TOTAL	97	1257	TOTAL	139	1473

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos anais do ENPEH e Perspectivas (1988-2020).

A ampliação dos eixos temáticos, apresentados na Tabela 1, também se refrata na emergência de novas questões didáticas e epistemológicas no campo. Críticas às aulas centradas exclusivamente na exposição docente percorrem os anais de todas as edições de ambos os encontros. No entanto, é a partir dos anos 2000 que essa discussão adquire maior densidade, com o aprofundamento do diálogo entre História e Educação. Nesse período, emergem eixos temáticos como *História Local e Imagens* (2001), *Tecnologias e Educação de Jovens e Adultos* (2004), além de *Memória e Jogos* (2007). Termos como *produção de sentido*, *cognição histórica*, *consciência histórica*, *dialógico* e *mediação* passam a ganhar mais espaço nos textos, ainda que, por vezes, sem aprofundamento teórico. Em 2009, é criado um GT específico dedicado à Educação Histórica e Aprendizagens em História, o que reforça o amadurecimento de debates relacionados à aprendizagem.

Na década de 2010, consolidam-se os estudos relacionados à consciência histórica, que se tornam uma das maiores vertentes teóricas sobre aprendizagem em número de trabalhos publicados. Ganha destaque a abordagem da prática e da formação docente como atos de resistência, especialmente frente ao avanço de movimentos como o “Escola sem Partido”. Compreendemos também que há um processo de especialização temática, com grupos de trabalho centrados em linguagens específicas — como *história em quadrinhos*, *cinema*, *jogos* — e em diferentes públicos ou abordagens como *comunidades tradicionais* e *Educação de Jovens e Adultos*. Alguns grupos temáticos já consolidados, como os dedicados ao livro didático, passam a registrar um menor número de trabalhos em comparação à década anterior, enquanto temas ligados às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) apresentam crescimento, especialmente entre 2016 e 2018. A década é marcada por uma maior diversificação e ampliação da variedade temática, indicando tam-

bém a consolidação de perspectivas voltadas ao estudo da aprendizagem e à decolonialidade.

Os dois eventos analisados apresentam especificidades em sua composição e nas formas de produção do conhecimento. O *ENPEH* concentra um número expressivo de artigos oriundos de grupos de pesquisa vinculados a programas de pós-graduação. Com forte presença de discussões conceituais e análises sobre políticas curriculares, formação docente e ensino de História na educação básica. Até aproximadamente 2010, observamos uma menor incidência de investigações realizadas em sala de aula da educação básica. O que entendemos como uma ênfase mais teórica e institucional nas contribuições do evento.

O *Perspectivas* teve grande parte de seus trabalhos associada a redes de ensino municipais e estaduais, com a valorização da produção de professores que atuam na educação básica. Desde suas primeiras edições, caracterizou-se pela presença expressiva de relatos de experiência, com foco nos sujeitos envolvidos em ensinar e aprender História no contexto escolar.

Essa distinção, no entanto, vai se atenuando ao longo da década de 2000. A partir dos anos de 2010, compreendemos que houve um duplo movimento: de um lado, o *Perspectivas* apresenta crescimento nas reflexões teóricas e no uso de referenciais do campo acadêmico; de outro, o *ENPEH* amplia os trabalhos oriundos de experiências e investigações realizadas em salas de aula da educação básica, incluindo pesquisas com jovens estudantes. Esse processo de aproximação indica o enfraquecimento de certos binarismos — como teoria *versus* prática e universidade *versus* escola — sinalizando para a consolidação de um campo de pesquisa em que a docência e a autoria se entrelaçam.

Enquanto pesquisador da aprendizagem no ensino de História, expressamos essa perspectiva ao longo deste artigo. Os estudos sobre essa temática aparecem com maior intensidade nos anais do *Perspectivas* até o ano de 2010, em comparação ao *ENPEH*. A partir das edições 11 e 12 do *ENPEH* esse quadro é alterado: observamos que há um crescimento expressivo de trabalhos que mobilizam conceitos como *cognição histórica*, *consciência histórica*, *avaliação da aprendizagem* e *aprendizagem à luz dos estudos da linguagem*. A convergência entre os eventos se aprofunda nas edições da segunda metade da década, quando autores de ambos os encontros demonstram interesse comum por investigações sobre aprendizagem no contexto escolar.

Quanto às temáticas emergentes, destacamos que o *Perspectivas*, a partir da 5ª edição, acolheu um número crescente de trabalhos dedicados à História Pública e às TDICs. A temática da aprendizagem, que foi abordada desde as primeiras edições, apresenta maior expansão a partir da 6ª edição com os GTs/GRDs dedicados ao tema mantendo-se entre os que acolheram maior volume de textos publicados. Grupos temáticos como *Formação de Professores e Currículo* permaneceram constantes ao longo das edições, enquanto o eixo dedicado ao Livro Didático apresentou queda contínua no número de trabalhos.

O uso das tecnologias digitais, para guarda e circulação dos anais, desenvolveu-se especialmente a partir dos anos 2010. No início da década de 1990, encontramos predominantemente documentos digitalizados, alguns anais com relatórios dos grupos de trabalho ou caderno de resumos. Posteriormente, no início dos anos 2000, houve a adoção de mídias físicas, com conteúdo organizado em formato *autorun.inf*, que passaram a ser disponibilizados no site da ABEH. A partir dos anos de 2010, são produzidos livros de anais em formato de e-book e a publicação de coletâneas com os artigos em versão digital.

Nesse sentido, o presente artigo — bem como o processo de reorganização dos anais que o acompanha — busca ampliar as possibilidades de leitura e de reapropriação das produções presentes nos livros de anais. Este breve movimento panorâmico de leitura que realizamos sobre as publicações dos livros de anais entre 1988 e 2020 indica que o campo do ensino de História vem se constituindo por meio de um processo de amplificação das temáticas e dos espaços de enunciação, marcado pela diversificação e complexificação dos debates.

Nesse sentido, compreendemos os anais como indicadores de tendências epistemológicas e como espaços de circulação e legitimação de abordagens teóricas e metodológicas. Ao organizar essa produção por diferentes meios — como grupos temáticos unificados, artigos individualizados e anais completos — buscamos contribuir com a trajetória do campo, com um acervo acessível, pesquisável e de fácil circulação, com registro em link fixo. Que tenha a potência de subsidiar futuras investigações sobre redes de pesquisa, trajetórias de pesquisadores, circulação de conceitos e mudanças nas perspectivas teórico-metodológicas. Trata-se de um espaço de problematização contínua, no qual se manifestam tensões e disputas, e que pode contribuir com as discussões do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo em tela tivemos como objetivo narrar e discutir a construção e organização de um *corpus digital* com os anais de dois relevantes encontros acadêmicos no campo do ensino de História: o *ENPEH* e o *Perspectivas*, no período de 1988 a 2020. A ação de produzir tal organização é proveniente das necessidades de pesquisa nestes documentos, que se encontravam dispersos, incompletos ou catalogados incorretamente. Porém, só se tornou possível com a generosidade de pesquisadores que disponibilizaram no *site* da ABEH, ou de seus laboratórios de pesquisa, os arquivos que possuíam. Além daquelas e daqueles com quem fiz algum contato e indicaram caminhos possíveis.

Com a percepção de que as ciências, e onde nos localizamos nelas — a História e o campo do ensino de História —, são construções coletivas com maior potencial em práticas colaborativas e abertas, compartilhamos a organização que construímos dos documentos na plataforma *Zenodo*. E narramos nossa prática no decorrer da investigação, provocando reflexões acerca de questões de pesquisa.

Compreendemos nossa metodologia como uma *prática artesanal digital*, na qual articulamos procedimentos técnicos computacionais ancorados em discussões do referencial teórico do campo do ensino de História. Operando com validações manuais, agrupamentos e normalização de grupos temáticos a partir de seus próprios referenciais.

Mobilizamos, na metodologia, autores da ciência da computação e pacotes de *scripts* em *Python* e *R Studio* (as chamadas bibliotecas). Consideramos que esses textos possuem como foco, especialmente, aprimorar e solucionar questões na acessibilidade de dados, otimização das ferramentas digitais, correção algorítmica e eficácia na exclusão de imperfeições nos documentos. No qual a técnica é operada enquanto um meio para alcançar um objetivo quantificável com a maior precisão possível.

No entanto, nesta pesquisa, a prática é permeada por escolhas epistemológicas, pois operamos com as técnicas digitais a partir da reflexão teórica, mobilizando-as na criação de novos enunciados. Nesse sentido, reforçamos a autoria humana nos procedimentos de investigação, na construção narrativa e na produção de sentido a partir da intervenção do pesquisador. A partir de nossa prática e do diálogo que estabelecemos com autores das ciências huma-

nas, consideramos que a tecnologia pode ser um meio e um suporte para produção das fontes, de acervos e organização de documentos.

No entanto, enquanto uma ótica que privilegia a técnica e otimização da eficiência poderia buscar excluir imperfeições, a prática reflexiva em que nos posicionamos pode incorporá-las às análises, questioná-las, fazer das rasuras e dos defeitos o próprio objeto de pesquisa. Consideramos que essa distinção de ênfases dos textos oriundos de diferentes áreas do conhecimento que mobilizamos pode enriquecer o campo de pesquisa, ao utilizarmos os procedimentos técnicos sob as reflexões que dialogam com os referenciais do ensino de História. Compreendendo, questionando e tensionando as escritas algorítmicas, enquanto delas fazemos uso.

Portanto, nossa abordagem, em sua forma e conteúdo, reafirma a premissa da não neutralidade da técnica, em que escolhas epistemológicas, e minha própria trajetória de pesquisa, afetam a investigação — o que e como investigar — e a narrativa sobre ela construída — o que e como contar e compartilhar. Ao narrarmos e compartilharmos a forma e o conteúdo da pesquisa, reforçamos nosso compromisso com a ciência aberta e as práticas colaborativas, promovendo a identificação, compreensão, correção de inconsistências e possibilidades de refinamento de maneira coletiva.

Acerca da documentação organizada com suporte digital, em nossa análise panorâmica dos livros de anais investigados entre 1988 e 2020, compreendemos que ao longo das edições houve uma ampliação da especialização das agendas de pesquisa, que dialogam com demandas sociais e conjunturas sociopolíticas de seu tempo. No qual as investigações sobre aprendizagem ganham maior atenção, em números de pesquisadores direcionando seus textos para o tema, no decorrer da década de 2010. Ambos os eventos parecem, na década de 1990, possuir especificidades paralelas, que caminham juntas, mas em espaços distintos. Porém, na década de 2010, há uma progressiva aproximação e cruzamento das discussões, que, com certa frequência, se entrelaçam em ambos os encontros. Apesar dos esforços, não conseguimos acesso ao *I ENPEH*, que ocorreu em 1993.

O uso de tecnologias digitais para guarda e circulação dos anais dialogou com as formas de uso de seu tempo, passando por arquivos digitalizados dos livros de anais que foram impressos nas décadas de 1980 e 1990, *CD-ROM* nos anos 2000 e a publicação de e-books nos anos de 2010. A realização do XI

Perspectivas (que resultou no mais recente livro de anais que analisamos) ocorreu em formato remoto on-line, com uso de videoconferência. Em meio à pandemia da Covid-19, em 2020, sendo nomeado de *Perspectivas Web*. O que pode ser um novo momento de ruptura, caso seja adotado em futuros encontros e receba adesão dos professores pesquisadores participantes. O que é indicado no formato integralmente on-line no XIV Perspectivas, que ocorrerá em outubro de 2025.¹³

Portanto, esta organização dos livros de anais e a narrativa de sua construção visa oferecer contribuições na política arquivística do ensino de História e provocar reflexões sobre questões de pesquisa. Além de disponibilizar uma base aberta a colaborações, para futuras investigações sobre redes de pesquisa, trajetórias individuais e coletivas, movimentações teórico-metodológicas, entre outros objetos possíveis.

Ao operarmos na forma, no conteúdo e na narrativa da prática, constituímos um novo enunciado que potencializa as leituras, reapropriações, reflexões e problematizações contínuas das produções do ensino de História. Convidando outros pesquisadores a intervir, corrigir, reorganizar e expandir o arquivo, as análises e as discussões. De um campo em consolidação, com vozes potentes e diversas, em constante movimento.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Natália de Sá da Cruz (PPGen/UFRJ) pelo desenvolvimento do *script* em R na elaboração do gráfico de bolhas (Figura S1). O arquivo contendo o *script*, gentilmente disponibilizado por ela, pode ser acesso no seguinte link: <https://github.com/Nacon11/dados-enpeh-perspectivas-1988-2020>.

REFERÊNCIAS

- ANACONDA, Inc. *Anaconda Distribution*: The world's most popular Python data science platform. 2022. Disponível em: <https://www.anaconda.com/download>. Acesso em: 1 maio 2025.
- AULA, Lara. *Improvement of Optical Character Recognition on Scanned Historical Documents Using Image Processing*. 2021. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso -

- Ciência da Computação - University of Gävle, Gävle, Suécia, 2021. Disponível em: <https://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:hig:diva-36244>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, Jardeson Leandro Nascimento et al. Introdução ao processamento de linguagem natural usando python. In: VERAS, Rodrigo de Melo Souza et al. (Orgs.). *III Escola Regional de Informática do Piauí - Livro Anais*. Picos, PI: Sociedade Brasileira de Computação, 2017. v. 1, p. 336–360. Disponível em: https://www.facom.ufu.br/~wendelmelo/terceiros/tutorial_nltk.pdf. Acesso em: 2 maio 2025.
- BARZOTTO, Carlos Eduardo; SEFFNER, Fernando. Escola Sem Partido e sem gênero: redefinição das fronteiras público e privado na educação. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, v. 29, n. 58, p. 150-167, 2020.
- BELHOSTE, Julien. *Pdf2image [Software]*. versão 1.17.0. 2022. Disponível em: <https://github.com/Belval/pdf2image>. Acesso em: 1 maio 2025.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- BIRD, Steven; KLEIN, Ewan; LOPER, Edward. *Natural language processing with Python*. Sebastopol, CA: O'Reilly Media, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo, SP: Globo, 1999, p. 37-42.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRANCO, Emerson Pereira et al. BNCC: a quem interessa o ensino de competências e habilidades? *Debates em Educação*, v. 11, n. 25, p. 155-171, 2019.
- BRINCO, Naicon de Souza; CABRAL, Maria Aparecida da Silva. Ensino de História, aprendizagem significativa e a atuação do professor: desafios do tempo presente. *Revista História Hoje*, v. 9, n. 18, p. 55-76, 2020.
- BRINCO, Naicon de Souza. Ensino de História na educação básica: a experiência histórica romana, e o tempo presente, na sala de aula. *Revista TransVersos*, n. 23, p. 230-251, 2021.
- BRINCO, Naicon de Souza. Ensino de História na educação básica e a expansão do capital imperialismo no ciberespaço. *Revista TransVersos*, n. 27, p. 70-91, 2023.
- BRINCO, Naicon de Souza; CABRAL, Maria Aparecida da Silva. O ensino de História e a ludicidade: a experiência do Gacha Life na sala de aula da educação básica. In:

- KLÜPPEL, Giuvane de Souza; ANDRADE, Juliana Alves; CERRI, Luis Fernando (Orgs.). *A pesquisa no ensino de história em tempos presentes [livro eletrônico]: currículo, aprendizagem e livro didático*. Ponta Grossa, PR: Associação Brasileira de Ensino de História: Editora da UFRPE, 2023, v. 3, p. 180-196. Disponível em: <https://www.abeh.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtc-yI7czozMzoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSZPIjtzOjI6Ijc1Ijt9IjtzOjE6Im-giO3M6MzI6ImFiNWY1NWQwZTBkNjdiZWUzNzVIYTnlMzg3YmU3YmZjI-jt9>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- BRINCO, Naicon de Souza. Sentidos de aprendizagem em História: disputas, encontros e possibilidades. In: SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro. *Anais do XI Seminário Interno do Programa de Pós-graduação em História Social: Experiências e saberes: história, política, tecnologias e resistências*. São Gonçalo, RJ: UERJ/FFP, 2024, p. 646-658. Disponível em: <https://www.seminarioppghs.com.br/2023/wp-content/uploads/2024/01/Anais-XI-Seminário-Interno-02-01-24.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- BRINCO, Naicon de Souza. *Corpus documental dos Anais do ENPEH e do PERSPECTIVAS (1988-2020): Anais do Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e do Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (1988-2020)*. Versão 3. Zenodo, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15272228>. Acesso em: 19 jun. 2025. Dataset.
- CABALLERO-RIVERO, Alejandro; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Práticas de ciência aberta da comunidade acadêmica brasileira: estudo a partir da produção científica. *Transinformação*, v. 31, p. e190029, 2019.
- CABRAL, Maria Aparecida da Silva. Vozes em disputa no campo da História e seu ensino: as controvérsias da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular. *Escrita da História*, v. 5, n. 10, p. 36-69, 2018.
- CAIMI, Flavia Eloisa; MISTURA, Letícia. Investigar em Ensino de História: entre fronteiras e limites epistemológicos. In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana (Orgs.). *Cartografias da Pesquisa em Ensino de História*. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2019, p. 187-198.
- CARDOSO, Oldimar Pontes et al. Comparação de megadados das duas revistas da Anpuh ou Introdução à ciência aberta para historiadores. *Revista História Hoje*, v. 10, n. 21, p. 134-155, 2021.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

- CLARK, Alex et al. *Pillow (PIL Fork) Documentation*. Release 11.2.1 de 12 de abr. de 2025. Read the Docs:2025. Disponível em: <https://app.readthedocs.org/projects/pillow/downloads/pdf/stable/>. Acesso em: 24 jun. 2025. GitHub disponível em: <https://github.com/python-pillow/Pillow>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- COELHO, Mauro Cesar; BICHARA, Taissa. Ensino de História: uma incursão pelo campo. In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana (Org.). *Ensino de História: uma incursão pelo campo*. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2019, p. 63-83.
- COSTA-LUIS, Casper. tqdm: a fast, extensible progress meter for python and CLI. *Journal of Open Source Software*, v. 4, n. 37, p. 1277, 2019.
- DOMBROWSKI, Quinn; GNIADY, Tassie; KLOSTER, David. Introdução ao Jupyter Notebook. Traduzido por Vânia Rosa. *Programming Historian em português*, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46430/phpt0043>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- FELDMAN, Tony. *An introduction to digital media*. 1 ed. Londres, Inglaterra: Routledge, 1997.
- FENNIK, Matieu et al. *PyPDF2 (pypdf): Python library*. Versão 3.0.1. 2023. Disponível em: <https://github.com/py-pdf/pypdf>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- GABRIEL, Carmen Teresa. Pesquisa em Ensino de História: desafios contemporâneos de um campo de investigação. In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana (Orgs.). *Cartografias da Pesquisa em Ensino de História*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019, p. 143-162.
- HOFFSTAETTER, Samuel. *PyTesseract: Python-tesseract wrapper for Google's Tesseract-OCR*. Versão 0.3.10. 2023. Disponível em: <https://github.com/madmaze/pytesseract>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- HØGSBERG, Kristian; CID, Albert Astals. *Poppler PDF rendering library (pdftoppm, versão 24.08.0)*. 2023. Disponível em: <https://poppler.freedesktop.org/>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- HUNTER, John D. Matplotlib: A 2D Graphics Environment. *Computing in Science & Engineering*, v. 9, n. 03, p. 90-95, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1109/MCSE.2007.55>. Acesso em: 2 maio 2025.
- LEONTIEV, Alex N. *Atividade. Consciência. Personalidade*. Traduzido por José Marcelo de Souza e Silva. Bauru, SP: Mireveja, 2021.
- LUCCHESI, Anita. História Pública Digital: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. *Boletim do Tempo Presente*, v. 11, n. 03, p. 36-43, 2022.
- LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. *Boletim Historiar*, v. 2, mar./abr. 2014, p. 45-57.
- LUCCHESI, Anita; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. História digital: tecnologia e fazer

- historiográfico entre teoria e prática. *Locus: Revista de História*, v. 30, n. 1, p. 3-11, 2024.
- MACHADO, Rosa Helena Blanco; FARACO, Carlos Alberto. A linguagem praticada em interações verbais assimetricamente constituídas: que palavras podem aí se apresentar. *Revista Letras*, Curitiba, v. 72, p. 141-163, 2007.
- MEDEIROS, Simone Maria de Andrade. A teoria da atividade em Vygotsky, Leontiev e Engeström: os fundamentos da aprendizagem expansiva. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 21, p. e021051, 2021.
- MIAH, Md. Saef Ullah et al. Sentence Boundary Extraction from Scientific Literature of Electric Double Layer Capacitor Domain: Tools and Techniques. *Applied Sciences*, v. 12, n. 3, p. 1352, 2022.
- MIRANDA, Sônia Regina. A Pesquisa em Ensino de História no Brasil: potência e vicissitudes de uma comunidade disciplinar. In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adrian (Orgs.). *Ensino de História: uma incursão pelo campo*. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2019, p. 85-112.
- MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana. Apresentação Cartografias da Pesquisa em Ensino de História. In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana (Orgs.). *Cartografias da Pesquisa em Ensino de História*. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2019, p. 7-13.
- MURRAY, Andrew et al. python-pillow/Pillow: 9.4.0 (9.4.0). Zenodo: 02 de jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7498081>. Acesso em: 24 de jun. 2025.
- PACHECO, Ricardo de Aguiar; ROCHA, Helenice. Quando o ensino vira tema de pesquisa: o ensino de história na pós-graduação em história. *Anos 90*, v. 23, n. 44, p. 51-83, 2016.
- PYTHON SOFTWARE FOUNDATION. *Python 3.13 documentation*. 2025. Disponível em: <https://docs.python.org/3/>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. Viena, Áustria: R Foundation for Statistical Computing, 2023. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: A intriga e a narrativa histórica*. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a, v. 1.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b, v. 3.
- ROCHA, Helenice. Prefácio: Cartografias da Pesquisa em Ensino de História. In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana (Orgs.). *Cartografias da Pesquisa em Ensino de História*. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2019, p. 15-17.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Maria Aparecida Lima. O ensino de História em perspectiva neotecnicista: sentidos de atitude historiadora nas políticas curriculares hodiernas. In: JUNIOR, Arnaldo Pinto; SILVA, Felipe Dias de Oliveira; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da (Orgs.). *A BNCC de História: entre prescrições e práticas*. Recife: Universidade de Pernambuco, 2022, p. 155-192.

SENNETT, Richard. *O artífice*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Felipe Dias de Oliveira; JUNIOR, Arnaldo Pinto; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. Antinomias entre experiências e expectativas acerca da BNCC de História. In: PINTO JUNIOR, Arnaldo; SILVA, Felipe Dias de Oliveira; CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da (Orgs.). *A BNCC de História: entre prescrições e práticas*. Recife: Universidade de Pernambuco, 2022, p. 32-75.

SMITH, Ray. *An overview of the Tesseract OCR engine*. In: International Conference on Document Analysis and Recognition (ICDAR), 9, 2007, Curitiba. *Proceedings...* Los Alamitos: IEEE, 2007, p. 629-633. Disponível em: <https://doi.org/10.1109/ICDAR.2007.4376991>; Código disponível em: <https://github.com/tesseract-ocr/tesseract>. Acesso em: 22 jun. 2025.

WICKHAM, Hadley. ggplot2. *WIREs Computational Statistics*, v. 3, n. 2, p. 180-185, 2011.

NOTAS

¹ Richard Sennett, *O Artífice*, 2009, p. 85.

² Para saber mais acerca das disputas em torno da BNCC de História, além do texto de Sônia Miranda (2019), ver também os artigos *Vozes em disputa no campo da História e seu ensino: as controvérsias da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular* (Cabral, 2018), *O ensino de História em perspectiva neotecnicista: sentidos de atitude historiadora nas políticas curriculares hodiernas* (Santos, 2022), *Antinomias entre experiências e expectativas acerca da BNCC de História* (Silva; Pinto Junior; Cunha, 2022), *BNCC: a quem interessa o ensino de competências e habilidades?* (Branco et al., 2019).

³ Disponível em: https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=419. Acesso em: 26 abr. 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.academia.edu/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

⁶ Disponível em: <https://web.archive.org/>. Acesso em: 26 abri. 2025.

⁷ Mobilizamos o trabalho de conclusão de curso de Lara Aula (2021) por sua didática na utilização de técnicas de reconhecimento óptico de caracteres em documentos digitaliza-

dos. Embora, como projeto de graduação, não se trate de uma publicação revisada por pares, a pesquisa desenvolvida na *University of Gävle* (Suécia) apresenta procedimentos técnicos alinhados com os que adotamos e discute brevemente diferentes estudos que empregam OCR em acervos históricos. O trabalho teve como foco aprimorar a acessibilidade de dados com uma contextualização técnica que, enquanto pesquisador da área das humanidades, considerei didática para ser compreendida por um público não especializado. As demais referências da metodologia são artigos com maior densidade.

⁸ A documentação oficial do *Python 3* está disponível em: <https://docs.python.org/3/>. Acesso em: 01 maio 2025.

⁹ A distribuição *Anaconda* é um ambiente de código aberto voltado para aplicações científicas em *Python*, amplamente utilizado em pesquisas interdisciplinares. Integra ferramentas interativas, como o *Jupyter Notebook*, bibliotecas especializadas (como a *Matplotlib*) e o gerenciador de pacotes *Conda*, que simplifica a criação, instalação e atualização de ambientes computacionais (Anaconda, 2022; Dombrowski et al., 2023).

¹⁰ Para o Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2006, p. 94), “o processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. O signo é descodificado, só o sinal é identificado. O sinal [...] não pode refratar nada”.

¹¹ Compreendemos, operando com a perspectiva da linguagem do círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2006), que os textos dos anais refratam os embates, deslocamentos e permanências que atravessam o campo do ensino de História, tanto em seu interior como no contexto da sociedade em que está inserido, de forma diacrônica e sincrônica.

¹² Tabela elaborada com base nos dados normalizados dos grupos temáticos (GT/GRD), cujas nomeações variam entre os eventos. Os critérios de agrupamento e normalização adotados estão descritos na seção de metodologia.

¹³ Maiores informações sobre o *XIV Perspectivas*: https://www.abeh.org.br/informativo/view?TIPO=1&ID_INFORMATIVO=88. Acesso em: 22 jun. 2025.



Artigo submetido em 03 de maio de 2025.
Aprovado em 25 de junho de 2025.